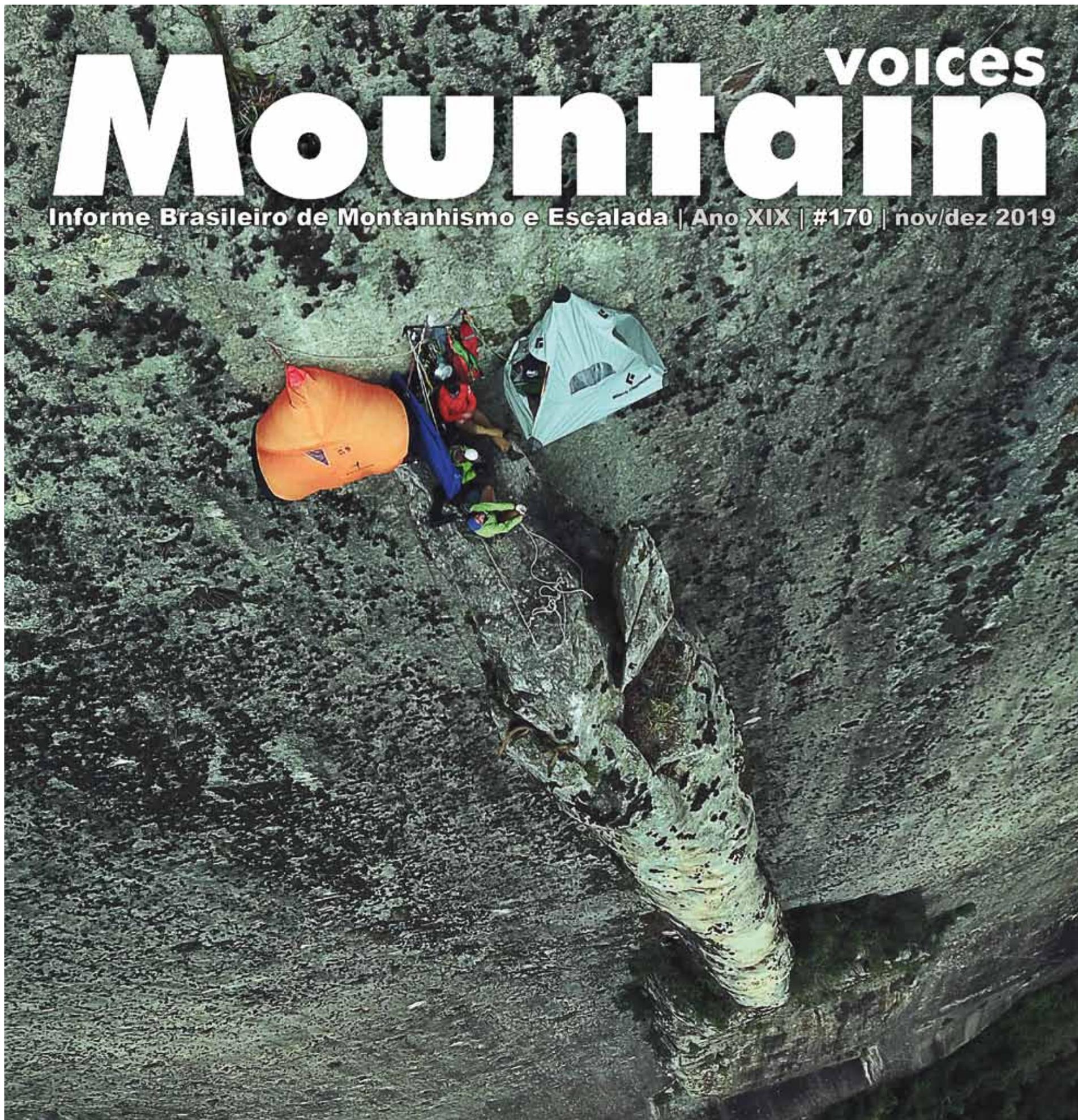


# Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XIX | #170 | nov/dez 2019



RONI ANDRES  
IDEALISMO NA  
ESCALADA

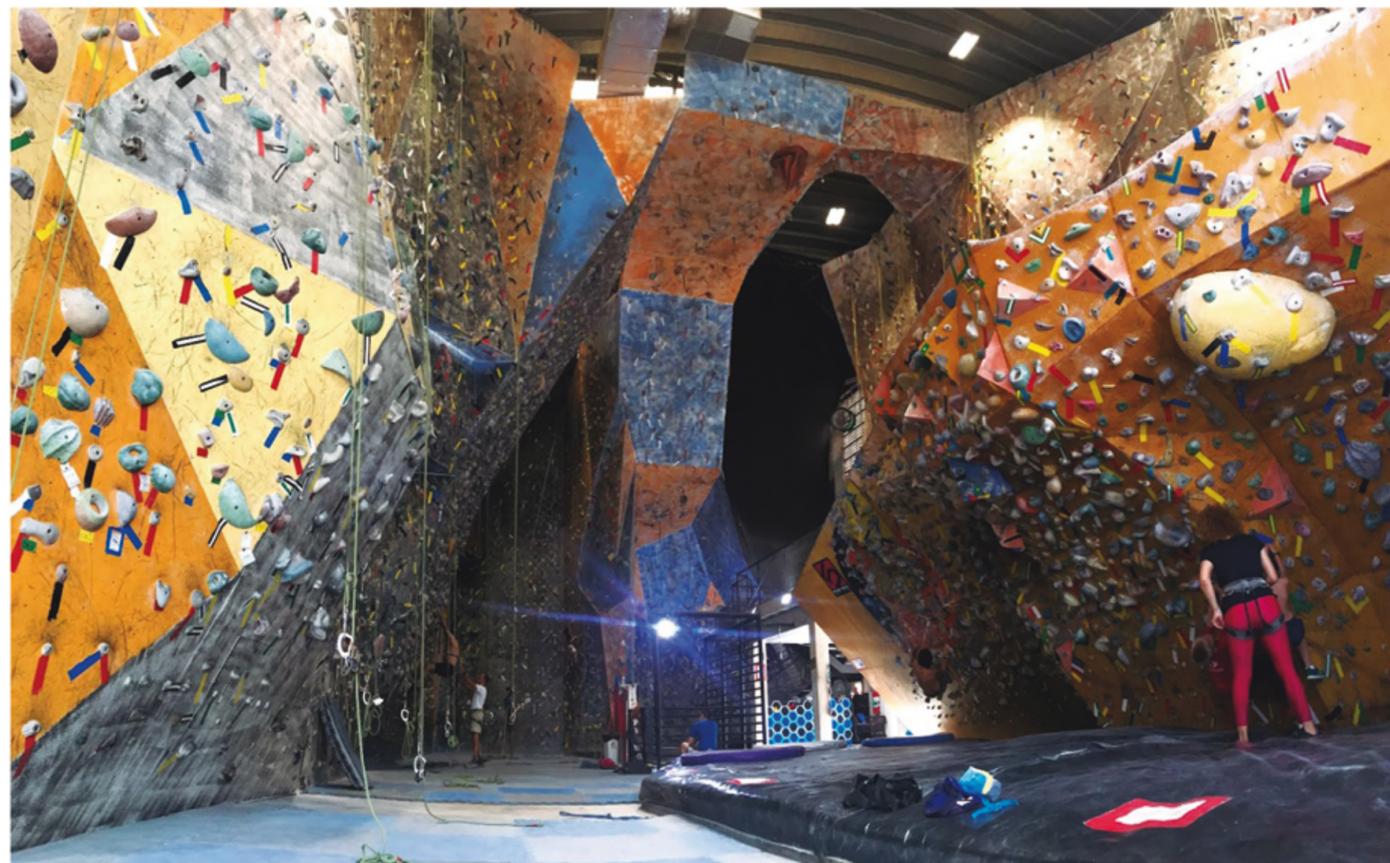
**ESPORTIVA**

**FORTALEZA**  
BIG WALL NO ES

**ESCALADA**

CAMINHADA NO PICO DA  
**FORMOSA**

**MONTANHISMO**



**A ALMA DAS MONTANHAS NO CORAÇÃO DE SÃO PAULO**  
**TOP ROPE • BOULDER • MURO DE VELOCIDADE • GUIADA • MUSCULAÇÃO**

**Perdizes**  
 Rua Venâncio Aires, 31  
 tel. 11 3879-6800

**CASA DE PEDRA**

**Moema**  
 Al. dos Guaramomis, 256  
 tel. 11 4563-2903

# O que não nos mata nos fortalece - ou nos desmotiva?

Sempre gostei de vídeos de escalada, da música, da plástica, das histórias por trás, assim como sempre acompanho escalada nas redes sociais e então assisti o vídeo das escaladoras Ana Lígia, Lea e Cel. Pude também com o coração apertado assistir uma escaladora perder seu namorado, o grande e conhecido escalador Ken Anderson, famoso por ter solado o El Cap 3 vezes. No vídeo das meninas, ambas relataram seus problemas pessoais, limitações físicas e psicológicas e como lidam e lidaram com estes obstáculos em sua vida e na escalada. No instagram da escaladora brasileira, ela pouco a pouco compartilha viagens e impressões do namorado como uma forma de seguir adiante e sentir sua presença sempre ali com a hashtag ken is here (ken está aqui).

## Alessandra Arriada

Gosto de acompanhar histórias e como agora estudo psicologia começa a mania de analisar comportamentos, observar tendências e sempre tive a estranha mania de tentar entender porque reagi assim ou de outro jeito, tentando perceber como me sentir bem e como reagiria caso algo me acontecesse. O ano de 2019 para mim está sendo difícil pra caramba. Sim, eu viajei e estava muito legal, mas no retorno tive vários problemas, e por um dado momento achei que não fosse dar conta. Era um caos de situações desconhecidas para meu arsenal de ferramentas pessoais e eu tive medo de não conseguir seguir, de chorar, de não saber como lidar com tudo, de paralisar, mas, com

ajuda dos amigos, família e muita terapia, acho que saí fortalecida, sobrevivi com bravura, mas valorizei muito as pessoas com dramas pessoais maiores que o meu. Como sobreviver a um problema de saúde sério? A um acidente? A perda de alguém muito amado? A uma limitação física? Concomitantemente a estar sem casa, com uma pessoa da minha família no hospital e ainda estar sofrendo ameaças pela internet, comecei um estágio com crianças com autismo. Observava as mães e pais com seus filhos com problema de locomoção, raciocínio, conexão, e relacionava com minhas dívidas e percebia como estava sendo infantil. Olhava nos olhos do menino chegando a sessão de equoterapia e percebia como era ínfimo meu medo diante

do desconhecido comparada aquelas mãozinhas sem controle sem entender nada do imenso mundo de sensações e emoções confusas para nós, imagina para eles. Quando vejo pessoas como a Ana Lígia, a Cel e a Lea percebo o real sentido do ditado, fez de um limão uma limonada, e teorizo que a vida é o tempo todo isso, um jogo de limões virando limonadas, ou deixamos eles ali, esperando eles fazerem algum sentido pra nós ou buscamos alguma função, mas nunca deveríamos deixá-los sem sentido, estragados, perdidos, sempre há um porquê, um fim, um motivo. Meu ano ainda não acabou, me enche de insegurança pensar no caminhão de limões pela frente, não só nesse ano, mas por toda a vida. Mas como me disseram, valorizo de uma ma-

neira bem ímpar, se, ao contrário de limões me surgirem morangos, cada vitória, cada calma, pois sei não será sempre assim. Como sei também que ao surgirem as dificuldades, algumas já enfrentei, algumas parecerão pequenas, pois carrego já as ferramentas internas para lidar com as recorrentes, já dei conta uma vez, darei outra, por mais impossível que pareça. Exemplos a serem seguidos temos vários, pessoas inspiradoras que fizeram de suas limitações, histórias, deficiências, problemas, não uma parada, mas uma motivação para ressignificar e seguir em frente. O ruim vai acontecer sim, a vida adulta tem dessas coisas. Mas o bom vem muito melhor. Boas escaladas e boas vias ruins e boas para todos!



solo.ind.br | solo.br



Se você procurar a palavra idealista no dicionário encontrará: “-Adepto(a) do idealismo. Que persegue um ideal por vezes quimérico.”

Pensando, hoje eu tenho certeza que eu sempre fui um idealista, desde quando com 16 anos, compareci na minha zona eleitoral pra votar pela primeira vez e “fazer a diferença”. O nome “zona” naquele período já deveria ter me alertado pra alguma coisa, mas demorei um pouco pra fazer a ligação com a “profissão” de político e aquela mais antiga do mundo, sem querer ofender as profissionais da segunda. Junto com o voto, imaginava também que no trabalho seria o mesmo... Seria suficiente fazer as coisas certas e demonstrar interesse e capacidade e tudo seria muito simples, naquele momento aprendi o significado de ingenuidade que se pode definir muito bem com:

Falta de bom senso prático/credulidade excessiva... Mas voltando ao idealista, sempre esperei o lado bom de todos e de tudo e é claro levei toda essa minha esperança pro esporte que pratico a quase 27 anos, mas daquilo que vejo as coisas custam a mudar ou continuam do mesmo jeito. A escalada é um esporte “solitário” a gente não tem como dar a culpa pra ninguém pelas nossas vias não feitas, falta de força, medos etc. Independentemente disso é um esporte onde ter um(s) companheiro(s) de confiança é imprescindível para uma boa escalada. As coisas realmente interessantes do esporte como, a amizade, compartilhar idéias, aprender e ensinar, se divertir não são mais “de moda”. As

redes sociais estão liquidando com o último resquício de bom senso de muita gente. Basta abrir o Facebook ou Instagram pra ter uma idéia. Varias pessoas procurando chamar a atenção com postagens sistemáticas, mas sem o mínimo de conteúdo, mas já que o objetivo é postar, quem se importa. Hoje é muito mais fácil ver pessoas juntas com os chamados “big” da escalada, somente pra se fazer ver. Gente que procura um status no meio de gente vazia como as postagens sistemáticas citadas anteriormente. É triste ver que, demonstrar um status que na realidade não existe seja de maior importância da vida real com

personas reais, mas a nossa “evolução” por incrível que pareça pegou essa direção. Dizem que quando uma pessoa te faz algum despeito é um problema dela, se a mesma pessoa te faz um outro, esse será um problema teu! Desse dito popular eu tirei muito proveito na minha vida; Ser um idealista sim, acreditar que as coisas podem um dia mudar também, isso não quer dizer que a gente seja cego ou não aprenda, muito pelo contrário, te faz cada vez mais ser uma pessoa diferente e na medida do possível melhor.

## Eu, Nós, Elas A extraordinária natureza feminina

Em “EU, NÓS, ELAS” a autora Juliana Frare idealiza e une um time de mulheres esportistas, tanto amadoras quanto profissionais, que viram inspiração e referência para tantas outras mulheres. Entre o esporte e o cotidiano, elas falam sobre desafios, paixões, sonhos e inspirações, revelando como unem tudo isso com determinação e feminilidade.

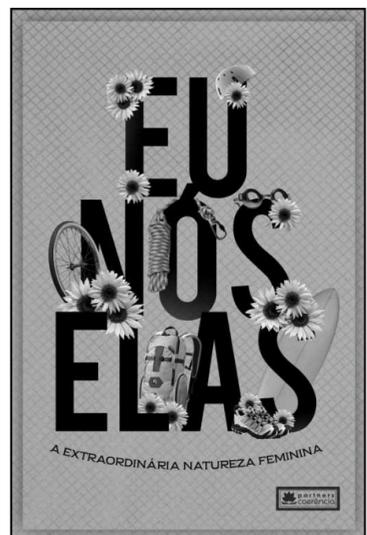
No livro, você encontrará trajetórias de profissionais que, além de se dedicarem ao esporte - como escalada em rocha, natação em mar aberto, corrida de montanha, trekking, mountain bike, entre outros - também assumem papéis de mães, filhas, parceiras e esposas. Prepare-se para descobrir como essas mulheres superaram preconceitos, dores, acidentes e principalmente seus próprios medos, possibilitando novas oportunidades em suas carreiras e estilos de vida.

“Quando eu era pequena, não era comum publicarem notícias sobre a atuação das mulheres nos esportes e, quando publicavam, eram apenas nos esportes coletivos, como o basquete, o vôlei e a natação. Nunca as vi representadas no surfe, nos esportes de montanha, no mountain bike nem nas águas oceânicas. Ao estudar o projeto deste livro, encontrei diversas histórias de mulheres no esporte, suas conquistas sempre ofuscadas

nas notícias. Sem me prender muito às antigas histórias, eu comecei a lutar para unir as mulheres que conheci na minha trajetória no esporte — nunca profissional apenas amadora. Durante toda a vida, o esporte estava ligado às minhas tarefas profissionais e eu sempre tentava achar tempo para surfar, escalar ou pedalar. Quando a minha filha nasceu, o desejo de passar adiante essa filosofia de vida ficou ainda mais forte. Eu queria que ela crescesse em um ambiente esportivo em que as pessoas buscassem superar seus limites e medos, acalmar seus ânimos ou apenas relaxar e recuperar o que perdemos ao crescer. Eu estava em casa, olhando os perfis de amigas nas redes sociais, quando a lampadinha apareceu! E me perguntei: por que não contar a história de tantas mulheres incríveis, batalhadoras, lindas, inteligentes e guerreiras? E quem melhor para contar se não elas?”, comenta Juliana Frare. Sobre autora: Juliana Frare é jornalista, de-

signer de interiores, palestrante e escritora. Também se dedica ao empreendedorismo, sendo fundadora da JF Comunicação e Coaching e é coautora do livro Mulheres com Poder de Inspirar Outras Mulheres, publicado em 2018. Praticante de esporte outdoor como escalada, surf e mountain bike, mora no Guarujá, litoral de São Paulo, onde escolheu viver não só pelo trabalho, mas também pelo seu amor e esporte, buscando estar em dia com as suas práticas diárias, como também inserir sua filha em sua rotina esportiva, atualmente um pouco mais “tranquila” devido à espera de seus filhos gêmeos.

Coautoras e esportistas convidadas: Isabelle Duarte, Aline Souza, Carin Marchiorato, Maria Tereza Ulbrich, Diandra Pittella, Carolina Fernandes, Bitá Lapertosa, Ana Paula Pimenta, Cintia Gobo, Raiza Goulão, Danielle Pinto, Monica Filipini, Ana Ligia Fugiwara.



## O QUE OS ESCALADORES TÊM A VER COM A AMAZÔNIA?

Diante de um cenário de desmonte de instituições que cuidam do meio ambiente, além da realidade de intenso desmatamento e poluição em que vivemos há muitas décadas no Brasil, a atitude de muitos escaladores é assombrosa. Há desdém quanto a questões nacionais referentes à preservação da natureza, há desrespeito de regras locais dos picos de escalada, há desrespeito completo ao meio ambiente e ao outro. Acúmulo de lixo e dejetos, contaminação de fontes limpas de água potável e queimadas são apenas alguns retratos consequentes dessas atitudes.

Gabriela Ghizzi Vescovi

Primordialmente, precisamos tentar, mesmo que seja difícil, entender como tantos escaladores de rocha podem ser tão ignorantes em relação ao destino que escolhem para praticar o esporte, cenário muitas vezes permitido pela liberação de proprietários de terras que dão acesso à pedra. Pior ainda é ver praticantes do esporte acreditando viverem dissociados da própria realidade histórica, geográfica e política. Ao escolher (ou ser escolhido) pelo montanhismo, pela vida outdoor, o indivíduo opta por uma realidade tão difícil quanto simples. Ali, quem sobe desce, quem suja limpa; ou seja, não se deveria esperar que um indivíduo tivesse que se desfazer da imundície alheia. Concretamente, é assustadora a quantidade de relatos e experiências em que pessoas foram intoxicadas pela água que antes bebiam, vias e acessos foram bloqueados por terem virado um grande b@\$\$%&lr@, picos que foram fechados por desrespeito às regras locais de segurança e preservação (vulgo fumar onde é proibido e até apagar a bituca no mourão).

Pior ainda é ver a quantidade de críticas ao Everest, à realidade de superlotação e de deterioração ambiental encontrada lá, como comumente se vem denunciando. Mas, quando o colega acende um cigarro no pico ou vai fazer cocô sem levar uma pá e um saquinho (e/ou na trilha), silêncio. Quando o assunto é retirar o lixo ou limpar o pico, persiste o silêncio. Quando se fala em Amazônia, só se ouve o som das queimadas mesmo. É muito fácil falar do Everest e ignorar as regras do pico frequentado; e era muito mais fácil falar da Amazônia quando não parecia tão urgente. Pois é, é preciso falar sobre isso. Todos têm o direito de serem contraditórios e hipócritas, reconheço, mas recomendo que gritem mais baixo

e tentem rever e conter as próprias atitudes (hipócritas que respeitam as regras locais, sem causar incêndio e deixar lixo, não causam tantas rugas). Mesmo sem querer falar sobre isso, pelo menos podemos tentar parar de piorar a situação.

Segundo dados recolhidos pelo jornal Nexo, em 1995, 30.000 km2 de floresta eram desmatados ao ano, agora apenas um terço disso acontece (9.000 km2 ao ano em 2018), graças aos que não ficaram em silêncio. Só no mês de junho deste ano (2019), 920,4 km² de mata foram derrubados na Amazônia, segundo o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações), 88% a mais em relação ao mesmo mês em 2018. A área de destruição equivale à área urbana da cidade de São Paulo, a mais populosa do país (968,3 km2). Convivemos com menos de 15% da Mata Atlântica original, e desde a virada do século a Amazônia brasileira perdeu área maior do que o território inteiro da Alemanha.

Diante de uma realidade indefensável, há quem queira amenizar o que está sendo feito. Se continuarem instrumentalizando a destruição da mata nativa brasileira, estaremos mortos em pouco tempo; e não vai parar por aí, por isso precisamos falar sobre o meio ambiente. Afinal, também seria o sonho dos ambientalistas poder parar de falar... A questão é que o desmonte continua, principalmente quando todos se calam diante da barbárie. É natural, de fato, que quem se ocupa da destruição reclame; no entanto, a nós cabe a tarefa oposta. E reitero: a questão não é partidária – é política, histórica, geográfica; e acima de tudo, urgentemente real. O que temos a ver com a Amazônia? Isso tudo. Cuidar do nosso espaço é cuidar também de lá. Prezar pela

Amazônia é cuidar também daqui. Não coadunar com a destruição em massa é cuidar do particular e do patrimônio nacional. É preciso atentar ao que está acontecendo, e a vida ao ar livre com certeza é uma forma de aproximação da natureza, mas para isso precisamos respeitar regras de convívio e de cidadania.

Aos colegas e desconhecidos que optaram pela vida outdoor, monitorem as próprias atitudes e as atitudes alheias ao seu alcance; visem ao reflorestamento, à minimização dos danos; não defendam a destruição dos poucos bens naturais que nos restam, pois não só a escalada, mas também a vida, depende desses recursos. Por último, aos viciados em medalhas que frequentam a rocha para preencher o

caderninho de cadenas, sugiro que busquem outro esporte, talvez um praticado num shopping, onde caibam seu ego e os rastros de destruição que ele deixa.

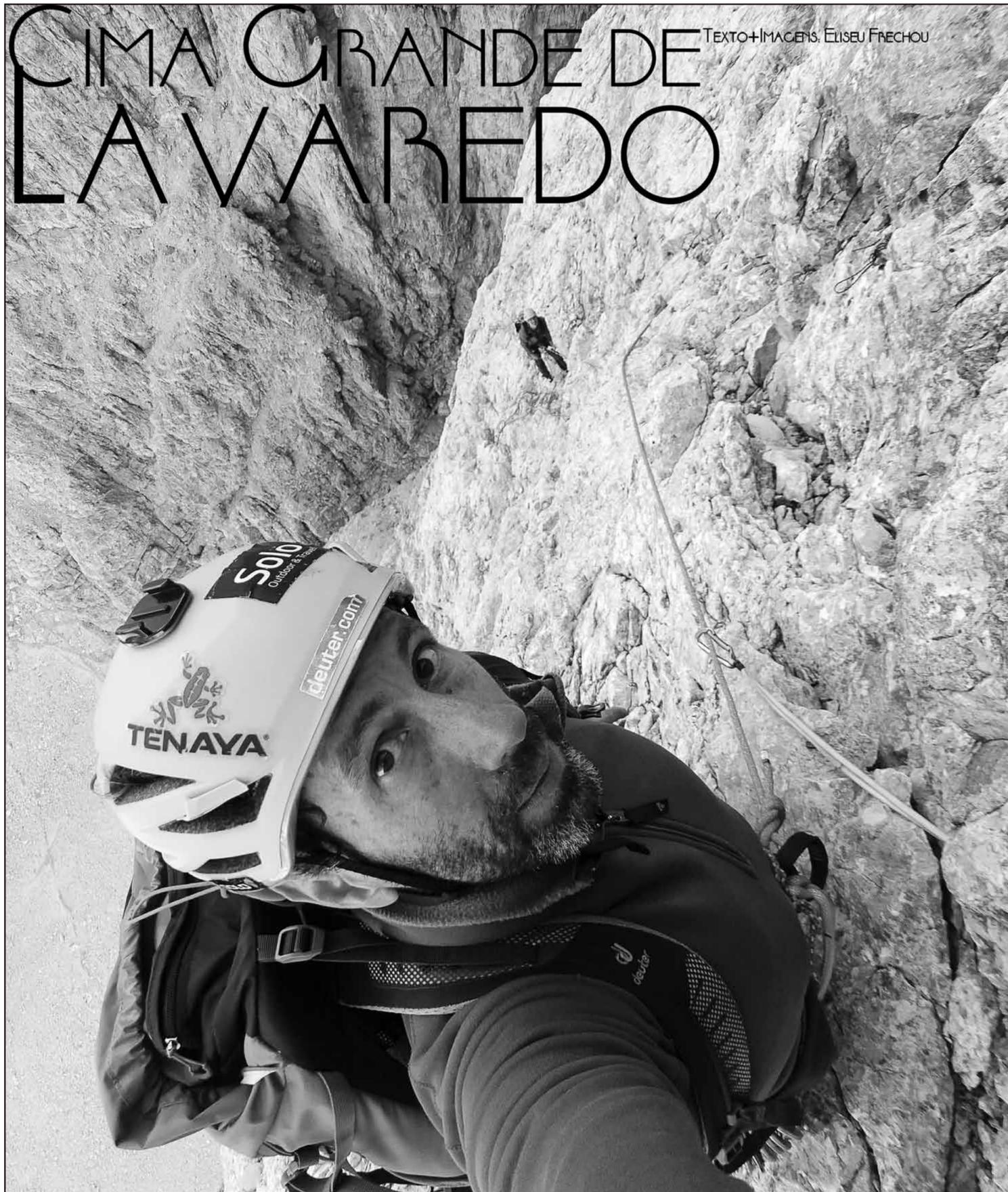
Fontes e recomendações de leitura: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49402606>

<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2019/08/15/30-anos-de-desmatamento-da-Amaz%C3%B4nia-em-mapas-e-gr%C3%A1ficos>  
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/07/23/O-desmatamento-da-Amaz%C3%B4nia.-E-o-papel-do-Inpe-para-barr%C3%A1-lo>  
<https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dados-mais-recentes/>

www.mountaininvoites.com.br

# CIMA GRANDE DE LAVAREDO

TEXTO+IMAGENS: ELISEU FRECHOU

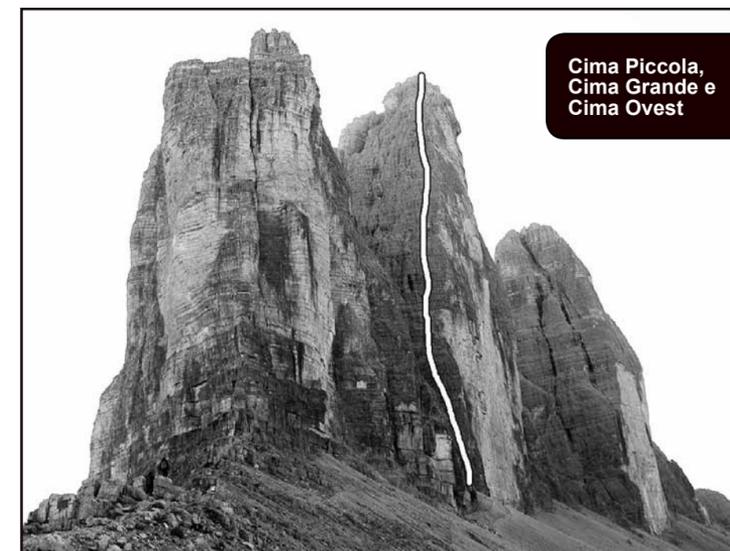


Sabe aquela situação na qual as pessoas te perguntam sobre algo o qual você parece ter obrigação de ter feito? Então. Volta e meia alguém me questionava:

- Você já escalou nos Dolomitas?

- Não.

Comecei a achar que nunca ter ido aos Dolomitas era uma falha gravíssima no meu currículo.



Cima Piccola, Cima Grande e Cima Ovest

Há alguns meses, tenho acompanhado por hashtags no Instagram, imagens destas montanhas, que na verdade são 5 grupos bem diferentes em relação às características da rocha e distantes umas das outras, em uma região bastante montanhosa do norte da Itália. A ideia foi se materializando na forma de viagem, quando o Rogério Jorge, amigo de Campinas com o qual já escalei o Mount Whitney e o The Incredible Hulk, topou a empreitada, que agendamos para início de setembro.

A rock trip começou em Chamonix, na França, e depois seguimos para a Itália, com o objetivo principal de escalar a Cima Grande das Tre Cime de Lavaredo. A máxima de que "já que vai, finaliza escalando a maior pra não ter de voltar", foi o pensamento na hora de escolher a montanha, que á como o nome já diz, é a maior da cadeia.

Ao chegarmos na Itália, fomos direto para a região do Trentino, onde vivem os amigos Cesar Grosso e a Tati, e o Roni Andres, escaladores brasileiros que moram em Arco há muitos anos e conhecem tudo por lá. Nos hospedamos na casa do Stefano Carli e da Estela, em Vigo Lomaso, distante 40min de Arco, mas que vale muito a pena, tanto pela beleza cênica da região (mais alta do que Arco), quanto pela quantidade de falésias sem nenhum crowd, o que é difícil de encontrar nas falésias perto do lago de Garda. Não poderíamos ter dado tanta sorte no local de base. Já no caminho de ida à Europa, comentei com o Cesinha e a Tati de que iríamos às Tre Cime, e eles toparam ir junto conosco, o que foi perfeito, pois eles conheciam as estradas, falam bem italiano e estar em grupo sempre dá mais segurança.

Reservamos as vagas no refúgio Auronzo, que não é o mais próximo das bases das vias, mas é o único no qual se chega de carro. Melhor caminhar sem carga. Chegamos no refúgio no final da tarde,

e já demos uma corrida para identificar o caminho até o início das vias, que teríamos que fazer no dia seguinte, ainda no escuro. O Rogério e eu, iríamos pelo *Spigolo Dibona*, a clássica das clássicas do lugar, e o Cesinha e a Tati iriam tentar *Le Voci del Coro*. A caminhada se mostrou bem tranquila, com menos de 1h de duração em trilha bem marcada.

O abrigo é sensacional: camas confortáveis, restaurante bacana, banheiros limpos... dormimos bem e acordamos às 04h30, iniciando a caminhada antes das 05h30. As 07h00 o Rogério já estava a corda na primeira enfiada. Aos poucos duas cordadas alemãs foram chegando, mas logo no início fomos bem rápidos e os perdemos de vista. Logo nos primeiros metros fomos constatando que o croqui da via é muito falho. Além de o guia ser em italiano, a lista de equipamento é genérica, indicando apenas n.d.a. (normale-dotazione-alpinistica) que significa algo do tipo: leve martelo, uns pitons, um jogo de nuts e um de friends! E o traçado do croqui também é difícil de entender. A regra era nos mantermos perto da aresta, e assim seguimos por mais de 14 enfiadas (perdi a conta lá pela nona) em uma rocha calcária extremamente fraturada, na qual dificilmente encontrávamos fendas sólidas para colocações pra peças sequer pequenas. Como os blocos eram muito encaixados, o que mais usamos para proteção eram pitons já instalados na rota. Grampos? Nenhum na via inteira. Havia bases de rapel já montadas a cada 25m, muitas delas apenas um piton e um cordelete laçando um buraco no calcário e unidos por um pedaço de corda (medo!). E assim fomos tocando, com paradas a cada duas bases de rapel, que foram na verdade, nossa melhor orientação durante o trajeto. O lance era sair na busca da próxima base. É um estilo bem diferente de tudo o que eu já tinha visto antes. E foi ali que eu entendi o do porquê de

os italianos fabricarem tantos pitons. Se eu tivesse levado alguns, talvez os tivesse usado em alguma base. Por falar em equipamento, é normal as cordadas escalam com 2 cordas de 50 ou 60 metros para facilitar os rapéis. Nós optamos por levarmos apenas uma corda de 60 metros e não tivemos problemas nem na via com a necessidade de usar corda dupla, nem nos rapéis de descida, pois as bases estão a menos de 25m uma das outras.

A *Spigolo Dibona* é uma via bem antiga, conquistada em 1909 e percorre por mais de 650m a aresta que fica de frente para a Cima Piccola. O grau varia entre o IV e IVsup, o que para quem está pela primeira vez escalando nessa rocha, é o limite da curtição. Se fosse um VI com as proteções ruins como são, e a rocha tão fraturada que não inspira confiança, a escalada seria bem tensa. Outro aspecto que merece ser citado, é que há muitos blocos soltos nos platôs. É necessária atenção redobrada para não soltá-los e atingir alguém mais embaixo. Há muitos relatos de acidentes devido a queda de pedras. A melhor dica para se prevenir nesse terreno, é chegar bem cedo e ser uma das primeiras cordadas a entrar na parede. Foi o que fizemos e não tivemos nenhum susto.

Como estávamos na zona de conforto, escalamos rápido, nos revezando nas guiadas e apesar das muitas dúvidas pelo caminho, antes das 12h00 chega-

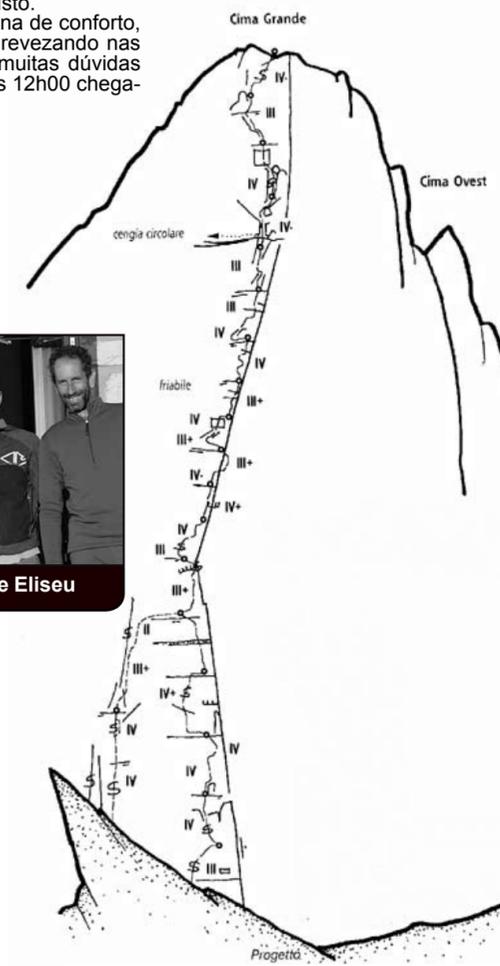
mos ao topo. Até o lugar onde há uma cruz e o livro de cume, ainda tivemos que dar um rolê.

Lanche, assinatura do livro, selfies e depois de quase 2 horas vagando pelo topo, descemos pela via *Normal*, que tem diversos trechos intercalados de caminhada e escalada de III e IV, os quais rapelamos. Acho que fizemos uns 10 rapéis em bases de grampos muito novos, durante a descida dos 700m, que demorou mais duas horas e meia.

Na descida, notamos que apesar de ter trechos de caminhada, a via *Normal* também não é tão fácil quanto o grau III do croqui sugere. Primeiro que a escala inexistente no desenho. É essencial um bom entendimento e senso de orientação, ou você irá se perder bastante e demorar muito mais do que as 3 horas sugeridas para ascensão. A rocha é polida, e há muito mais blocos soltos. Se você pretende ir escalá-la, vista as sapatilhas da humildade, use sim sapatilha para os lances de escalada fáceis pois as vezes eles são desprotegidos, capacete, jogo de friends e corda de 60m.



Tati, Rogério, Cesar e Eliseu



# NOVA VIA NA FORTALEZA

TEXTO: EDEMILSON PADILHA

IMAGENS: MURILO VARGAS - 100 LIMITES



Vento patagônico, corda enroscada, 200 metros de cordas na transversal para desmontar, mochila pesando nas costas, isso tudo depois de vários dias de esforços extremos na montanha. O que mais de desgraça poderia acontecer? Sempre dá pra piorar. Começa a chover. Nesses momentos lembro sempre da frase do Ariano Suassuna: “Tudo que é ruim de passar, é bom de contar”.

No dia 15 de agosto partimos de Curitiba, sul do Brasil, viajando 1500 quilômetros até a Pedra da Fortaleza, imenso monólito de granito, situado na cidade de Nova Venécia, no estado do Espírito Santo. Dois dias de viagem nos levaram até a base dessa montanha mágica. Lá chegando, fomos rodear o maciço para falar com os proprietários dos terrenos que dão acesso à base da parede e, com binóculo, escolher a linha que iríamos enfrentar. Paredão vertical de dar medo. Distinguimos um pináculo em formato de mão que poderia nos proporcionar um bom início de via. De lá pra cima era uma incógnita e havia o receio de que a gigante parede de granito fosse lisa. Nesse mesmo dia montamos acampamento com vista privilegiada para a Fortaleza, na casa de um morador, o qual nos forneceria água e eletricidade pelas próximas duas semanas, tempo que dispúnhamos para atingir nosso objetivo de abrir e encadenar uma linda linha na montanha.

No dia 17 iniciamos a escalada numa rampa positiva que nos levaria até o início da “mão”. Nessas paredes grandes as proporções sempre nos enganam e os que pensávamos serem 50 metros nos resultaram em 100. Escalei esses dois primeiros esticções em livre com a furadeira a tiracolo, pelas minúsculas agarras; às vezes com os pés quebrando algum cristalzinho de rocha, o que sempre dá mais emoção. Aportamos na base da mão e o que vi era um diedro bem marcado, mas com vegetação nas fendas. Meu parceiro Willian chegou e deliberamos sobre por onde ir e este divisou uma boa fissura que subia sobre a “mão” e não no diedro formado por essa e a parede. Essa é a magia da conquista, de podermos desenhar a linha. Nesse dia abrimos 4 esticções e deixamos as cordas fixas. No dia seguinte, a outra dupla, formada pelo Val e Tommy, pegou a ponta quente da corda e abriu mais 4 esticções incríveis, mesclando fissuras e placas, atingindo um grande platô (P6); para, então, entrar no diedro um pouco sujo de mato e completar 8 esticções e aproximadamente 300 metros de via.

## O Dedo

Faltavam só uns 30 metros para atingirmos o topo do “dedo” e para a nossa surpresa este último pináculo que formava o dedo indicador da mão era um pilar sinistramente encostado na parede e vazado de um lado para o outro. No início do esticção que abrimos nesse dia a fenda era boa e usamos peças móveis, mas depois ela se alargou e progressão tornou-se extenuante e com o uso de proteções fixas. No final da seção gritei para o parceiro que estava na ponta da corda sair em livre para ficar bonito nas imagens do drone. Ele usou de toda a sua habilidade e também de um pouco de perrengue para montar naquele que seria nosso platô de bivaque. Atingimos a ponta do dedo! Falamos com a base pelo rádio e eles comemoraram conosco, bem como a platéia numerosa de moradores locais que da estrada assistiam ao embate. Acima do “dedo” era o ponto crucial da via, pois havia a dúvida da continuidade das agarras. Sentamo-nos no platô razoável

e comemos e bebemos algo. Equipei-me e fui já sai com a furadeira e persegui as pequenas saliências oferecidas pela pedra. O calor estava insuportável, mais de 30 graus, com o sol nos fustigando o dia todo ali na face nordeste. De metro em metro busquei a continuação para podermos tentar em livre, e foi saindo. Depois o Tommy assumiu a ponta da corda e abriu mais um belo esticção e ficamos mais tranquilos, pois sabíamos que havia um caminho pelos muros da Fortaleza. No próximo dia, Tommy e Val subiram mais uma vez a renderam bem, terminando a transversal. Eu e Willian acordamos meio “bugados” e resolvemos descansar para subirmos com tudo no outro dia e já ficamos-nos porta ledges no topo do “dedo”, pois já estava ficando muito trabalhoso jumarear mais de 300 metros de cordas fixas para aí começar a escalar.

Havia 4 esticções completamente diagonais que nos levaram até a base de uma linha que descia do topo e que pensávamos ser mais tranqüila. Mas como o próprio nome da montanha sugere, não seria tão fácil assim. Ascendemos pelas cordas com um haulbag carregado de água, comida e chapeletas, pois a progressão exigiu muitas proteções fixas. Como estava fazendo um calor desgraçado, resolvi subir com pouco abrigo e um saco de dormir bem fino. Quando estávamos a um pouco mais de 100 metros de altura comecei a congelar, pois havia um vento patagônico. A noite no porta ledge não foi diferente, dormi com as costas geladas. Que desastre! No outro dia, acordamos cansados, mas tínhamos a nossa meta e partimos pelas cordas fixas transversais, as quais davam um grande trabalho, pois tínhamos de rapelar para tornar a jumarear inúmeras vezes. Nesse dia abrimos dois esticções e meio muito trabalhosos e verticais, com agarras pequenas. Já íamos pelo décimo sexto esticção, mas as defesas da Fortaleza ainda atrasavam nossa progressão. Descemos com últimos raios de luz e nosso acampamento de altura estava sendo fustigado por fortes ventos. Seria mais uma noite tensa. E para completar o cenário, um dos membros da equipe, o Murilo, acabara de receber a notícia de que sua esposa grávida de 8 meses estava no hospital com contrações esperando pelo diagnóstico do médico. Jantamos aquele miojo horrível, normal nessas ocasiões, tomamos um gole de cachaça, tocamos algumas músicas embaladas pelo ukulele, que também não falta nessas ocasiões, e nos internamos nos porta ledges. No outro dia, antes de amanhecer, os incansáveis guerreiros Val e Tommy, batalhavam pelas cordas fixas com o objetivo de vencer os muros finais da grande Fortaleza. Lá pelo meio do dia nos avisaram que devíamos subir e levar algo de abrigo, além de mais proteções, pois talvez terminassem a conquista noite adentro.

## Topo!

Subimos a mil por hora eu, Willian e o Murilo, este último ainda sem uma definição sobre o desenrolar da história do seu primeiro filho, que queria nascer



Valdesir, Tommy, Murilo, Willian e Edemilson

antes do tempo. Quando aportei na P18, o Tommy já estava encabeçando o que pensávamos ser o último esticção da via, mas não tínhamos a noção exata de quanto faltava para terminar a rota. De quando em quando perguntávamos como estava indo e este nos respondia que faltava mais um trecho vertical e provavelmente a parede cederia. Porém, isso se repetiu várias vezes. Até que ele gritou que bateria a parada. Subimos como máquinas e chegamos ao topo da Fortaleza com os últimos raios de luz do dia, num entardecer épico, um show de luzes. Todavia, o clima mostrava sinais de mudança e tínhamos previsão de chuva.

Reunimo-nos e nos abraçamos sobre o último platô de rocha do imenso paredão que nos consumiu por uma semana. Nossa alegria era muito grande. Fizemos uma homenagem ao futuro escalador prestes a nascer num cartaz improvisado escrito “Bem-vindo Lucca”, o que foi muito emocionante. Subimos a breve trilha, aberta pelos cabritos que fugiram da cidade, tornando-se selvagens e passando a viver lá no topo da pedra. Pensamos em passar uma noite gelada no topo, priorizando a segurança de rapelarmos mais descansados, mas como o clima estava estranho, decidimos descer naquela noite. Foi boa e foi ruim esta decisão.

## A descida

Eu e o Willian, que estávamos mais descansados, ficamos por último para limpar a via, levando as cordas remanescentes da mega transversal. Só de pensar no procedimento já nos dava calafrios. Mochila pesada, cordas penduradas, rapela, ascende pela corda fixa, retira ela da proteção, coloca outra corda, rapela sem perder a fixa, torna a jumarear. Espera o parceiro conseguir chegar, com a corda enroscando em cada gravatá (tipo de bromélia de espinhos), puxa a corda. Repete. Quando chegamos no meio da transversal, além do vento patagônico, começou a chover, e o que estava tenso, ficou caótico. Em

um momento pensamos que teríamos de abandonar as cordas, pois estas se enroscaram e mesmo nós dois com jumareas não as conseguíamos recuperar. Com as últimas energias e algumas orações, elas vieram, e quase meia-noite atingimos os porta ledges. Nossas caras assustaram os companheiros, os quais correram fazer algo de comida embaixo de uma lona improvisada. Depois que respirei um pouco, entrei no portaledge para fugir do vento e comi algo quente. Meu espírito voltou para o corpo.

Por sorte, a chuva deu-nos uma trégua e pudemos descer no dia seguinte os 300 metros restantes sem sobressaltos. Abortamos a missão de tentar encadenar toda a via, pois a previsão era de mais chuva, o que de fato ocorreu. No dia posterior à descida, despedimo-nos de nossos anfitriões, os quais nos ofereceram um almoço com comida caseira inesquecível. Nesse último encontro, o seu Alzeir, sua esposa e filhos nos receberam como heróis e nos trataram como parte da família. Este também nos contou histórias aterradoras sobre a atuação das pedreiras e sobre o fato de que anos antes toda a comunidade se erguera contra a exploração da Pedra da Fortaleza e como conseguiram torná-la patrimônio histórico. Pessoas simples, mas de uma sabedoria muito grande, uniram-se e frustraram os planos dos poderosos da região de cortar a pedra e vender o seu granito. Depois de ouvir essa história, decidimos o nome da via: *A Resistência*. Afinal, nós montanhistas, também devemos repensar nosso papel e nos tornarmos resistência contra a destruição da natureza e contra a massificação do esporte e conseqüente perda da essência que é o companheirismo e não o individualismo.

Escaladores: Edemilson Padilha, Valdesir Machado, Willian Lacerda e Thomás Kampf  
Equipe de filmagem: Murilo Vargas e Luiz Maurício Leite

# DENALI ESCALANDO NO ALASKA - PARTE II

<span></span>
Tatiana Batalha
<span></span>
Continuação do texto da edição 169.

Foi se aproximando a data para o início da nova grande aventura. Como faço na maioria das vezes, combino com o senhor Miguel, taxista que me leva sempre para o aeroporto nessas minhas andanças. Toda vez ele me pergunta “Dona Tatiana, como é que a senhora consegue carregar tudo isso?”, vamos batendo papo até o aeroporto, falando sobre a vida, eu explicando para onde vou a cada vez que ele me leva, e isso me ajuda a controlar um pouco a emoção (ou seria a ansiedade?) do início da jornada. Meus companheiros de expedição eram todos da Argentina, e eu só os encontraria no destino inicial da expedição, a capital do Alaska, Anchorage. Lá iríamos conferir nossos equipamentos, comprar a comida para toda a viagem, ir atrás do aluguel do que faltava e organizar a logística para os dias na montanha. O voo era na madrugada do dia 17 de junho, e no horário combinado Sr. Miguel chegou a minha casa, colocamos tudo no carro e seguimos rumo ao aeroporto de Guarulhos. Meus voos eram com a Copa, uma escala de algumas horas no Panamá, depois seguiria para Denver, e por fim Anchorage. Cheguei no aeroporto com folga, fui para o check-in pois em Denver a companhia aérea mudava e não consegui fazer tudo pela internet. Quando na fila, observei uma moça com uma mochila grande, olhei melhor e para minha surpresa era nada mais que a Ayesha Zangaro. Chamei por ela, quem surpresa com o encontro inesperado na madrugada me perguntou para onde eu ia. Eu falei que estava a caminho do Denali, rimos, tipo, outra vez para a montanha... Já falei no começo que conheci a Ayesha antes de saber que era ela, através de meu guia e amigo Manoel Morgado, em 2011. Na ocasião falou de uma menina que tinha ido com os pais e levou os sapatos de sapateado e um dia pôs-se a sapatear no piso de “estimação” todo encerado de um casal de monges que sempre ele levava os grupos para visitar. Rimos todos com a história e anos depois descobri que era Ayesha a menina. E que tínhamos amigas em comum, da dança. Na fila conversamos e ela dessa vez não estava indo para as montanhas, e sim para dias de estudos de dança. Comentamos sobre os brasileiros que estavam no Alaska com o Carlos Santalena, mais conhecido pelo pessoal da escalada como Carlão, e sobre a possibilidade de eu encontrar com o grupo em algum momento na montanha. Falou um pouco sobre a sua experiência lá, que eu tinha assistido no cinema anos antes. Entramos para os portões de embarque juntas, conversamos mais um pouco e como o voo dela era mais tarde, foi num canto mais calmo tentar descansar, e eu para meu portão pois logo ia embarcar. Passei meu contato, enviei meu link localizador para que ela, que é uma aventureira de sucesso, acompanhasse minha jornada. Fiquei feliz em encontrar a Ayesha no aeroporto, e recebi esse encontro inesperado como mais um sinal de que boas energias estavam me acompanhando. Agora então eu embarcava sozinha para a minha jornada. Não era a primeira vez que passava por isso. Mas

sempre que acontece de estar sozinha numa primeira etapa da viagem, dá um certo frio na barriga. Na maioria das vezes vou encontrar pessoas que já conheço ou fiz alguma coisa junto antes. Nessa eu só conhecia Julian e não sabia muito sobre os outros integrantes. Éramos 9 montanhistas, só eu brasileira, os outros amigos todos argentinos. Estávamos indo sem guias locais, éramos um grupo de amigos escaladores que se reuniu para subir a montanha, dividindo os gastos entre todos. Uma expedição independente. Em nosso grupo havia 4 integrantes que na Argentina são experientes guias profissionais que dessa vez, em nosso grupo de amigos, eram “apenas” os que tinham os maiores conhecimentos e anos de prática. Frente aos regulamentos do Parque do Denali, não tínhamos guias em nosso grupo. Ninguém que não seja americano pode escalar montanhas lá trabalhando como guia. Mesmo sendo formado e experiente. Só americanos trabalham de guia nos Parques dos EUA. Portanto todas as expedições que vão para lá, de outras nacionalidades, são expedições independentes. São grupos de escaladores, montanhistas, autossuficientes e preparados para enfrentar as condições da escalada. É assim que se apresentam os grupos estrangeiros que vão escalar por lá sem uma empresa local. Eu já havia passa-do por uma situação semelhante quando fui com o Eliseu Frechou, meu mestre e amigo das rochas, escalar em Yosemite. Já compreendia um pouco como funcionava escalar em Parques Nacionais nos EUA. Tínhamos em nosso grupo, pessoas com mais experiência, e algumas delas que até já haviam estado na montanha anos antes. Tendo feito cume, os conhecedores dos caminhos foram os escolhidos para serem os líderes do nosso grupo de escaladores. Para a logística e registro no Parque, estávamos os 9 integrantes divididos em 2 grupos. Os “Never Poni”, eu e Hugo liderados por Julian e os “Argentos” com os outros 6 integrantes, liderados por Pablo. Meses antes começamos a nos comunicar por e-mail ou telefone. Eu, hora tirando algumas dúvidas, hora perguntando ou falando sobre os treinamentos, um pouco apreensiva se o que eu estava fazendo por aqui estava sendo suficiente. E Hugo dizia sempre: “fique tranquila, tudo dará certo”. Concentrei minhas forças nessas palavras de meu novo amigo da montanha e segui meus dias de treinamento pensando sempre que estava fazendo o melhor. Outro sinal de que boas energias me acompanhavam, foi quando soube que era Hugo o nome do outro integrante. Meu irmão mais novo se chama Hugo, é gente muito boa, tomei isso como referência e me alegrei em saber que “Hugo” me acompanharia em toda a jornada. Algumas horas de voo até o Panamá, esticar as pernas no aeroporto, para continuar até Denver. Nesta cidade a conexão seria curta, e no Brasil me disseram que as malas iriam direto para Anchorage. Não sei por quê, eu fiquei feliz quando falaram isso no Brasil. Meu sexto sentido me dizia que em Denver eu ia acabar tendo que pegar as malas. Nunca nos EUA as malas vão direito ao destino final, se você tem antes uma parada. Esse voo ficou rodando no ar uma hora antes de aterrissar, e eu fui ficando preocupada, pois teria pouco tempo para embarcar, e pensava na possibilidade de ter que pegar as malas e refazer o check-in. Dito e feito. Quando sai do avião, fui perguntar, afinal “seguro morreu de velho”, e claro que a orientação

da funcionária, agora da United, foi a de que eu deveria pegar a “muamba” toda (quem sobe montanhas sabe a quantidade de coisas que carregamos nessas empreitadas), fazer a imigração, sair e fazer um novo check-in. Insisti que no Brasil tinham falado que a bagagem ia direto, mesmo sabendo que a moça provavelmente tinha razão, e fui um pouco chateada aguardar as malas, e um pouco preocupada pois tinha pouco tempo para o próximo voo. O aeroporto era grande, eu teria que me deslocar para outro terminal e começou a dar um medo de perder o avião. Mas eu era do grupo, a integrante que chegaria mais cedo, logo, caso desse algum problema, tinha uma folga para chegar. Peguei os equipamentos, e sai correndo para fazer a imigração, e em seguida correr para entregar as malas. Por sorte a entrega das malas era ali mesmo na saída da imigração, e pude correr leve para o portão de embarque. Chegando ao outro terminal descobri então que nosso voo demorou para aterrissar pois havia tido uma tempestade, e que todos os voos estavam atrasados. Meu próximo voo ia demorar mais para decolar, e eu pude respirar aliviada. A jornada começou já com certa emoção. Chegaria por volta das 22 horas em Anchorage, mas com o atraso dos voos por conta das tempestades, acabei chegando quase meia noite. Por sorte, era verão no Alaska, e ao desembarcar, ainda a claridade pairava. Peguei minhas malas, um taxi e segui para o hostel Campo Base, onde dentro de algumas horas o restante do grupo chegaria. Durante as conexões fui conversando com meus amigos Gi e Alex, que ainda estavam em Anchorage, e me contaram que dormiram uns 3 dias seguidos após a longa jornada ao cume do Denali, e que agora estavam me aguardando para dar um abraço e emprestar alguns equipamentos, para depois seguir conhecendo um pouco mais do Alaska. Eles terminaram a expedição antes do programado, então iam aproveitar para passear. No hostel acomodei-me, e fui dormir enquanto o pessoal não chegava. Por volta das 5 horas chegaram, e fiquei muito feliz em reencontrar Julian e conhecer meus novos amigos. Já estavam todos ali, sentados aguardando um pouco para começar a fazer barulho e organizar as coisas, tomando todos um bom mate. Conheci então Hugo, Lucio, Martin, Mamba, Lily, Roberto e Pablo. Fiquei feliz em saber que havia mais uma “chica” na expedição. É sempre bom ter uma mulher para compartilhar questões durante a expedição. Lily e Roberto eram os mais vividos do grupo, casal de guias antigo e muito respeitado na Argentina, que se juntaram ao grupo de amigos para encarar o Denali. Assim que os demais hóspedes foram acordando, pudemos começar a organização de nossa logística para os próximos dias. Começamos antes com um bom café da manhã numa padaria nos arredores. De lá fomos dar uma avaliada num mercado próximo, onde descobrimos que havia de tudo o que precisávamos. Passamos então por uma loja de equipamentos de escalada próxima ao hostel, onde tive a chance de rever meus amigos Gi e Alex. Eles estavam muito felizes por terem conseguido sozinhos chegar ao cume do Denali. Conversamos um pouco, as notícias da montanha eram das melhores... Tiveram ótimos dias, com calor, sem ventos, temperaturas agradáveis para caminhar, sem nevascas! O Monte

Denali é famoso pelas suas nevascas, que deixam a visibilidade prejudicada, sendo essa uma das dificuldades encontradas por muitos montanhistas quando vão para lá. Mas, segundo meus amigos, a temporada estava muito boa! Rezei, e mentalizei para que continuasse assim nos próximos dias. Peguei os equipamentos emprestados com meus amigos, nos despedimos ali, eles me falaram que encontraram o Carlão na montanha e que talvez eu encontrasse com eles lá também. Eu me despedi com um pequeno aperto no coração pois estaria sem companheiros brasileiros dessa vez, mas animada com o que estava por vir. Meus amigos argentinos alugaram parte dos equipamentos ali, e seguimos para o hostel para organizar nossas mochilas e equipamentos. Esse primeiro dia foi um pouco de descanso.

No dia seguinte, logo pela manhã, fizemos uma revisão de técnicas de encordamento, dos cuidados que se deve tomar ao andar em grupo encordados. Estaríamos andando assim o tempo todo. A montanha é toda nevada, e faríamos longas caminhadas e travessias em glaciær. Haveria gretas, e andar encordado é necessário no caso de alguém por ventura cair numa delas. Os demais companheiros de cordada devem estar preparados para frear a queda, e depois ajudar a resgatar quem caiu na greta. No Denali, há pontos onde há estacas para segurança dos escaladores, revisamos os passos de como usá-las. Todos do grupo já haviam estado em alguma alta montanha, mas alguns ainda não, em alguma que precisasse usar esses procedimentos. Foi uma manhã muito importante para seguirmos para a montanha preparados. Dessa vez eu estava familiarizada e preparada para usar todos os equipamentos necessários. Ao menos uma vez em alguma montanha já havia estado com todos eles, snow shoes (sapatos para neve), crampons, cadeirinhas, jumares, cordeletes para prusiks, botas duplas, pioletes... O que estava me deixando mais apreensiva era o fato de ter que arrastar trenó com carga montanha acima. Treinei arrasto na academia, mas só quando aterrissasse no glaciær e começasse a arrastar o trenó com minha parte da carga, sentiria exatamente o que ia ser.

Dia 19 de junho foi mais um dia de compras. Fomos juntos ao centro de Anchorage, almoçamos num restaurante com visual para o porto, depois nos dividimos para fazer o que cada um precisava, e no fim do dia voltamos ao hostel, para conferir as roupas técnicas, e já deixar pela civilização o que a “Aduana” (foi como chamamos a conferência de nossos equipamentos por Julian, que a todo momento falava que o sucesso da expedição no Denali estava diretamente relacionado com a minimização da carga levada por cada um) detectasse como carga excessiva para os próximos dias. Depois de alguns anos indo para as montanhas, pelo Brasil e mundo afora, observando os amigos, e guias, comecei a carregar menos coisas. Mas sempre quando volto, percebo que poderia ter levado ainda menos. Organizei então minha mochila e duffle, pois no dia seguinte seguiríamos cedo para Talkeetna, a pequena cidade que serve de base para quem sobe a montanha. É de lá que saem os pequenos aviões rumo ao Glaciær Kahiltna, ao pé da montanha. É lá também

onde os montanhistas fazem seu registro com os Rangers (a polícia das montanhas!). Eu já conhecia a fama dos guarda parques americanos, os Rangers. Quando visitei Yosemite, fui muito bem instruída. Quem vai escalar nos EUA, vai com amigo, não com guia. Essa é a regra. E se alguém vai escalar por lá, é porque está preparado e conhece a atividade que vai fazer por lá. A multa para quem não segue as regras dos parques é grande, e os caras chamam a atenção mesmo. Eliseu me falou que já havia estado prestando contas em alguma sala dos Rangers em alguma de suas visitas ao parque, e conversando com o mestre compreendi que não devia ser nada agradável. Até você explicar que não fez nada errado, os caras te fazem se sentir como um bandido. Talkeetna é uma cidadezinha agradável, com uma rua principal, na beira da rodovia e cortada pela linha de trem do “Trem do Alaska”. Nossa entrevista com os Rangers estava marcada para as 13 horas. Nos instalamos no Hotel, nossos amigos ainda precisavam separar suas cargas. As minhas, de Julian e Hugo estavam quase todas prontas. Fomos então dar uma volta pela cidade, e chegamos ao rio que corta a cidade, de onde tivemos a primeira visão de nosso destino. O dia estava lindo, céu limpo bem na hora que fomos caminhar, e conseguimos na beira do rio ter a primeira visão do Monte Denali. Mais tarde quando voltamos com os outros amigos, já uma névoa encobria a montanha e não pudemos mais avistá-la.

Eu, Julian e Hugo fomos até a Central dos Rangers confirmar o horário de nossa entrevista, e para nossa surpresa, haviam mudado o horário. Era para voltarmos às 15 horas. Avisamos o pessoal, e fomos então até o aeroporto para ver se adiantávamos alguma coisa quanto aos voos. Combinar a hora de buscar-nos no hotel, qual seria a logística por conta da quantidade de malas, o pagamento restante do voo. Na Talkeetna Air Taxi, uma das moças logo nos atendeu, ia começar a adiantar alguma coisa, mas quando perguntou para outra funcionária sobre como fazer com nosso pagamento, esta outra logo veio e nos perguntou se já havíamos passado pelos Rangers. Dissemos que nossa entrevista havia mudado para mais tarde, então gostaríamos de já adiantar algo por ali, e a moça nos falava que primeiro deveríamos fazer a entrevista. Insistimos um pouco se não poderíamos já acertar nossa parte, e ela insistia: “voltem depois que fizerem a entrevista”. Fomos então para o hotel, aguardar a hora da entrevista. Percebi que meus dois amigos ficaram um pouco apreensivos, mas não pensamos em nada demais. Acabamos de dividir nossos equipamentos coletivos nas malas e mochilas, até a hora programada. Chegada a hora, estávamos nós no Centro de visitantes para a reunião de rotina com os guarda parques. O primeiro a ser chamado foi Hugo. Para mim seria algo simples essa tal entrevista, não estava me preocupando muito. Segundo Gi e Alex, era uma conversa sobre os cuidados a serem tomados na montanha, nada mais! A coisa começou a ficar um pouco estranha pois nosso amigo entrou para falar com os guarda parques e não voltava mais. Eu conversava por celular com alguns amigos, sobre estar aguardando a entrevista. A espera estava longa, Hugo não voltava, começamos todos a nos perguntar “que estaria acontecendo?”. Meia hora depois veio Hugo, com uma cara preocupada, e na sequência o entrevistado chamado foi Julian. Fomos perguntar ao nosso amigo como tinha sido e tivemos a desagradável surpresa de que ele foi interrogado como alguém que deve

algo ao governo americano. Tipo FBI. Nos contou que parecia uma investigação quanto a alguns do grupo estarem ali a trabalho. Nosso amigo estava com uma cara bem preocupada. Os Rangers tinham um prontuário com informações detalhadas sobre sua vida, sobre o fato de ter estado em outras montanhas com um de nossos líderes. Ficamos todos nervosos, estaríamos investigando quem ali era guia? Queriam tirar a todo custo de nosso amigo informações sobre algum dos mais experientes estarem ali trabalhando. Foi deixado nas entrelinhas que ele estava mentindo, e ameaçado que após a entrevista dos outros ele seria novamente chamado para o veredito final. Eu fiquei tensa, pois seguindo a lógica, a próxima seria eu. Que iria falar? Se desse alguma informação que não fosse compatível com a de meus amigos? Era só o que faltava, ir até ali e sermos barrados antes de ir para a montanha. Mas não tínhamos o que esconder. Éramos um grupo de montanhistas amigos que se reuniu para subir o Denali. Esse era o fato! Falei com o Edu Sartor, da equipe do Carlão, sobre o que estava acontecendo. Ele me mandou uma mensagem dizendo que o Carlão tinha passado na entrevista. E junto mandou uma carinha com um suor escorrendo na cara, o que entendi como “esse procedimento para nós estrangeiros, e para quem vive em seu país trabalhando como guia, é sempre tenso”. Foram minutos de muita ansiedade. Os caras querem saber de qualquer forma se os estrangeiros estão lá trabalhando. Muitos guias latinos vão sempre, e essa repetição de mesmas pessoas indo para a montanha é tida por eles como “estão aqui trabalhando”, e isso não é permitido. Finalmente Julian voltou, e todo o grupo foi então chamado para uma sala para receber as orientações gerais. Foram feitas algumas perguntas para Julian para confirmar que realmente ele não estava ali a trabalho. Um pouco de terrorismo, mas nosso amigo saiu-se muito bem e fomos todos liberados. Até sobre uma foto no Denali em seu site de trabalho na Argentina os Rangers perguntaram. Mas nosso experiente amigo disse “precisa mais explicação além do fato de o Denali ser uma das mais bonitas montanhas do planteta” estar ela no site? O Ranger que nos atendeu após a entrevista dos dois amigos, pediu desculpas pela demora, e nos direcionou para a sala onde fez uma apresentação detalhada sobre a montanha. Alguns de nossos amigos não falavam inglês, fui adotada como a intérprete. Fui tirando as dúvidas junto ao, esse atencioso, Ranger. Não há como negar que os americanos são muito organizados. Já tive a experiência de diferentes situações nas terras americanas, e apesar de serem um pouco chatos de tão metódicos, é por esse fato que as coisas lá funcionam. Tivemos orientações sobre a rota na montanha, sobre como armazenar a carga, o que fazer com o lixo, onde estaríamos as estações de apoio dos Rangers. Conferiram se nosso grupo tinha equipamentos de comunicação, tudo devidamente anotado. Recebemos os baldes para a “caca”, os sacos que iam subir e descer para depois descartarmos ali na volta. Respirando aliviados, fomos então liberados. Ao final da entrevista, conversando com o Ranger, me identificaram como médica ortopedista e qual não foi a surpresa, a esposa dele é ortopedista também. Recebemos os votos de boa jornada e seguimos nosso caminho. Colocamos todos um alfinete num mapa Mundi, no país de origem, que serve de controle para saber o número de montanhistas, e as nacionalidades, que estão subindo a montanha na temporada. Pudemos então quitar nossas contas na empresa de taxi aéreo. Outro susto. Não é nada barato voar meia hora até o glaciær,

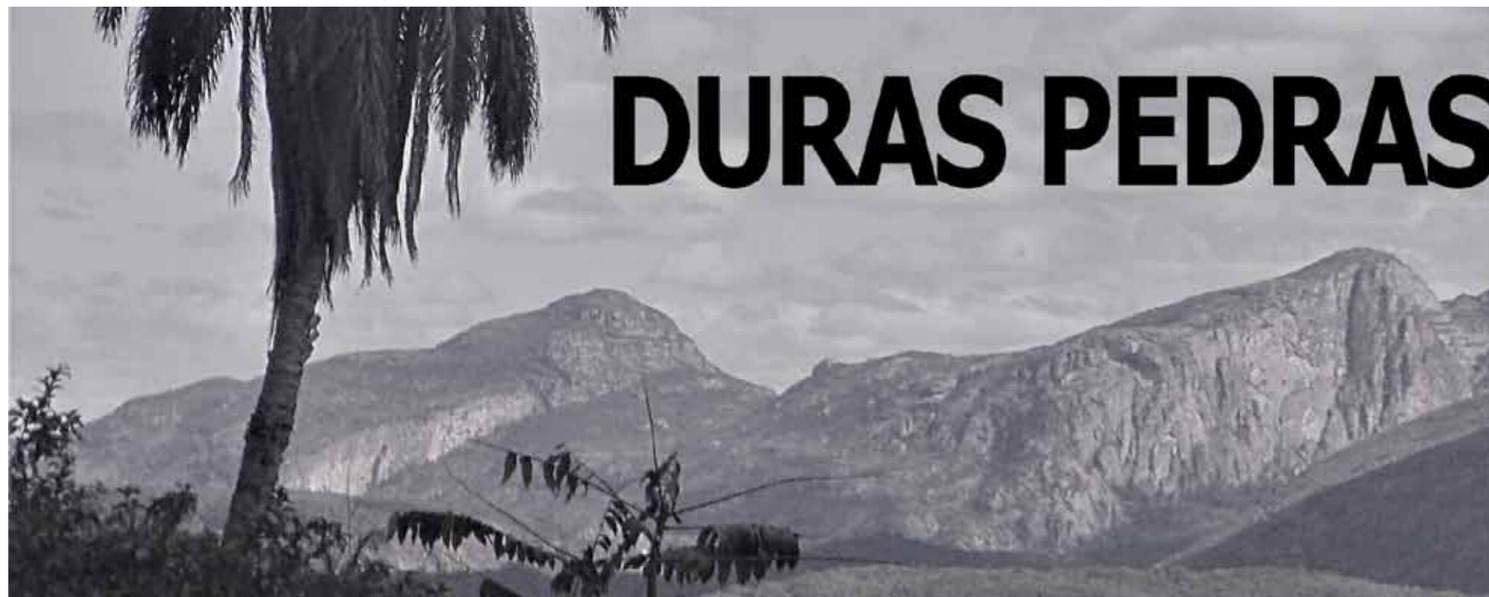
mas por sorte havia me preparado para um gasto extra. Nosso voo seria dia 21 de junho, depois do almoço. Por volta das 11 horas da manhã nossos equipamentos seriam pegos no hotel, e nós levados para pesar toda a carga. Aproveitamos o resto do dia para aproveitar as mordomias da civilização. Banho quente, comida boa e uma cama confortável. Acordamos dia 21, em pleno Solstício de Verão do hemisfério Norte. Este seria o dia mais longo do ano, considerado como data de renovação de energias para algumas crenças. Ficamos felizes em saber que era esse o dia de nossa chegada à montanha e início da nossa jornada. Tomamos um reforçado café da manhã no hotel, preparamos nossas malas, e no horário combinado o transfer veio nos pegar. Primeiro foi a carga e parte do grupo, depois os outros. Cada um levava uma mochila cargueira e um duffle, onde equipamentos pessoais e coletivos estavam divididos. A quantia que me coube ficou em 74 libras, sendo 47 delas puxadas no trenó e as outras 27 carregadas na mochila cargueira. Fomos também pesados, todos já vestidos, para chegando ao glaciær iniciar a caminhada. Botas duplas já nos pés, esse seria nosso calçado nos próximos dias. Alguns com um pouco mais de carga, eu, Hugo e Julian fomos os mais econômicos. Últimos momentos de Wi-Fi e contato com a família e amigos, fomos divididos e embarcados. Primeiro eu, Julian, Hugo e Lily. Em outro voo foram Pablo, Mamba, Martin e Lucio. Roberto foi sozinha em outro avião com turistas que iam visitar o glaciær. Há muita gente que vai até lá e faz o voo para ver um pouco mais de perto a montanha. Descem na pista de pouso no Glaciær, ficam ali apreciando a paisagem, tiram fotos por alguns minutos e depois retornam para a civilização. Nós e os outros montanhistas depois do voo somos deixados no glaciær, no meio do nada, a 2200 metros de altitude, com todas as nossas cargas, para iniciar nossas jornadas em busca do sonhado cume do Monte McKinley ou Monte Denali. Um voo indescritível, que começa na pequena cidade de Talkeetna, a qual em poucos minutos deixa de ser vista para dar espaço para a floresta recortada por tortuosos rios, que algum tempo depois começa a ficar escassa, sendo substituída por picos rochosos nevados. Mais alguns minutos e somente se vê o branco azulado da neve nas montanhas, e o glaciær que nos servirá de casa nos próximos dias, Glaciær Kahiltna. O som ruidoso do motor do avião não nos deixa conversar muito, estamos todos com fones, e para comunicação é preciso acionar um microfone. Falamos pouco, e quando falávamos era para frisar a beleza daquela paisagem. Julian já havia estado ali anos antes e nos deu algumas informações sobre o que estávamos vendo. Alguns pilotos chegam bem perto do Denali, para depois fazer a aterrissagem na pista inclinada, de neve, no glaciær, onde na lateral esquerda se localiza o acampamento base dos Rangers. Eu já havia voado num desses pequenos aviões, mas essa seria a primeira vez aterrissando na neve. Chacoalhou um pouco no impacto inicial, mas logo o avião desliza suavemente subindo a rampa, para retornar e estacionar na frente do acampamento. O movimento no local é intenso, em dias de bom tempo como estava, é um avião atrás do outro que chega e decola, trazendo escaladores e turistas, e os levando de volta após seus dias na montanha. Desembarcamos toda a carga, distribuímos tudo nos tão “temidos” e aguardados trenós. Pegamos as últimas orientações

com a guarda parque que ficava ali no Campo Base. Ela reforçou sobre a necessidade de se enterrar tudo a no mínimo 1 metro e meio de profundidade, identificar nossas áreas de acampamentos com as etiquetas e bandeiras recebidas no Centro de Visitantes, falou sobre os cuidados quanto a caminhada no glaciær, e que a maioria dos montanhistas estava caminhando após as 20 horas pois a temperatura estava com a temperaturas acima da média, então a neve em cima das gretas e nas encostas estaria mais firme “a noite”, sendo mais seguro deslocarmo-nos para os próximos acampamentos após esse horário e descansar de dia. Nossa volta estava prevista para no máximo dia 5 de julho, tínhamos dias extra para o caso de mau tempo, para esperar uma boa janela de clima para chegar ao cume. Nessa data o campo base já estaria desmontando e a Ranger responsável não mais estaria lá. Fomos então orientados a ligar, enviar mensagem por um aparato que Julian trazia, dizendo quando estivéssemos já na base para o avião nos buscar. Todos preparados, com a carga devidamente presa nos trenós e estes presos junto às mochilas cargueiras, sapatos de neve nos pés, bastões às mãos, cadeirinhas, todos encordados e checados, hora de começar a caminhar.

Continua.....


<b>21 ANOS DEDICADOS À AVENTURA AGORA COM UM NOVO ENDEREÇO!</b>
<b>LOJA 1</b> (11) 3562-1801 ☎ (11) 94284-6395 Rua Apeninos, 803 - Paraíso
<b>LOJA 2</b> (11) 3879-6800   Ramal 3 ☎ (11) 94354-2641 Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompeia
<b>www.penatrilha.com.br</b>


# DURAS PEDRAS



“Da largura que a terra do Brasil tem para o sertão eu não trato, porque até agora não houve quem a andasse, por negligência dos portugueses que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se em andar arranhando ao longo do mar como caranguejos.”

## Frei Vicente do Salvador

Acredito que a parte norte do Espinhaço mineiro, que chamo de Espinhaço Acima, seja uma visita obrigatória para quem o conhece a sul, do Caraça ao Cipó. Tem uma dureza e um isolamento que o tornam diferente - e uma rocha áspera e exposta que o faz parecer arrogante. Assim, as montanhas que descrevo a seguir não serão fáceis, mas terão cada qual uma condição única e desafiadora.

Alberto Ortenblad | SP

### Belas Pedras (LXV): O Fonseca

Se você lê meus artigos, então sabe que foi recentemente criado o PE de Botumirim, no norte mineiro. E conhece seu formato, uma campina alta seguida por um cordão de serras que lhe dá um aspecto alongado. Pois a maior delas é exatamente o Fonseca, que a carta do IBGE chama de Cantagalo, nome do vilarejo próximo. Alessandra e eu o subimos pela face noroeste, a partir da Fazenda do Olegário, que fica a 7 km desta vila, usando uma trilha de catadores eventuais de plantas sempre vivas. Aliás, foi um deles que nos acompanhou. A aproximação começou na altitude de 900m e não foi tão breve quanto parecia, sob o efeito ilusório da parede próxima - levamos 1 hr até ela, dentro de um mato ralo e áspero.

Subir pela parede nem sempre foi óbvio ou fácil, com algumas passagens íngremes e expostas, mas em ½ hr de esforço contínuo abordamos a campina alta, a 1.250m. À medida que avançamos, ela foi se abrindo

do num panorama esplêndido, encaixada entre duas paredes e abrigando à direita o Ribeirão Cantagalo. Uma visão maravilhosa, um reino escondido da natureza. Atravessamos com alguma dificuldade aqueles campos, descrevendo um arco aberto à esquerda para evitar os brejos, até chegar na borda do Fonseca, acima de 1.300m. A vista é emocionante, frontal ao conjunto das Serras do Mazagão e da Gordura, tendo ao fundo o perfil recortado da Bela Vista. Vale observar que, de todas as serras, o Fonseca é a única cuja orientação predominante é E-W e não N-S.

E ele é enorme, com uma cava central que o divide em dois trechos de aproximadamente 5 km cada. Sua parte mais larga é exatamente onde estávamos, com talvez 4 km razoavelmente planos. O ponto mais alto está a 1.525m. Tanto quanto pude avaliar, em toda a região serrana (parte da qual fora do Parque) os outros pontos elevados estão na Serra de Santana (1.480m) e na Campina do Bananal (1.450m). Se somente conhecemos uma pequena extensão do Fonseca e se ele é apenas uma dentre meia dúzia de longas serras

de desenhos e situações diferentes, imagine o trabalho que será explorar todo este maravilhoso conjunto. De norte a sul, desde a Campina do Bananal até o Fonseca, são 36 km de serras quase contínuas. Mas evitamos seguir em frente, pois nosso plano não era acampar naqueles altos (o que depois lamentei). Refizemos o caminho de volta, contornando a campina, descendo o penhasco e prosseguindo na mata baixa, até retornarmos à Fazenda menos de 2½ hrs e 10 km depois. Mais tarde, foi emocionante rever aquelas paredes sob a mágica do sol poente.

### Belas Pedras (LXVI): O Senharol

Você também já deve ter lido sobre o PE da Serra Nova, um dos mais radicais em todo o Espinhaço. Desde que o conheci, quis subir naquela pirâmide arrojada que decora sua face oeste. O Parque apresenta uma das mais impressionantes paredes do Brasil, seu quartzito pintado de cinza um penhasco gigantesco, que domina todo o horizonte.

Por diversas vezes, quando passava nas

regiões de Porteirinha, Monte Azul ou Janaúba, sempre avistava a pirâmide do Senharol. Ela é facilmente visível não por sua altura, uma vez que pertence ao trecho sul mais baixo da serra, e sim por sua posição frontal e dominante. Até mesmo seu nome me parecia obscuro, incerto. Senharol seria o nome de uma abelha, que entretanto se chama Sanhará; e o IBGE nomeia o pico como Senhoral, que lembra mais um fidalgo do que uma montanha.

Então, descobri que seu nome era tão enganoso quanto sua trilha. Alessandra e eu a fizemos na estação seca, com vegetação lenhosa e fechada, que foi difícil romper. [O caminho inicia-se a 3 km de Serranópolis, quando você sairá na estrada de terra à direita do asfalto que vai a Porteirinha. Serão mais 8 km, sempre dobrando à direita, até os pastos no sopé da montanha, que estão na altitude de 600m. Foi um dos fazendeiros do local quem nos guiou, ele inicialmente a cavalo e nós a pé, como se fôssemos seus escudeiros.

Durante algo menos de 1½ hr, você contornará à esquerda dentro do mata branca de aroeiras, sucupiras e anjicos, até alcançar



Parede do Pico da Formosa, MG

a base da parede, a 865m. A subida é rápida, sempre acompanhando os muitos encaamentos que trazem a água lá de cima até o vale: em mais ½ hr, você ingressará nos campos altos e pedregosos, recobertos por gramíneas ásperas, já a 990m.

Um longo arco ascendente à sua esquerda fará com que você se aproxime pensosamente do pico, até atingir um córrego entre lajes rochosas, que lhe parecerá uma dádiva. E, 3 hr depois do início, sob um cómodo acive médio de 10%, você estará finalmente na base da pirâmide. Serão mais 150m verticais - contornando a montanha à esquerda, encarando a fenda que agora está à sua frente e boa sorte até subir ao cume a 1.340m. Mas o calor e o cansaço me impediram de chegar lá.

Se o Senharol é facilmente avistável, dele ao contrário não se avista muito, exatamente por sua posição frontal. Você apenas verá o enorme vale do Rio Gorutuba, que corre a norte para o Verde Grande. Logo à sua esquerda, estará a fenda do Cânion do Talhado, escavado pelo Rio Mosquito, uma das grandes atrações do Parque. Andamos 14 km e chegamos à tarde, com direito a vistas magníficas da serra iluminada. Toda a região alta do Senharol já foi habitada, quando havia criação extensiva de gado anterior ao Parque. Esta é a razão de algumas clareiras onde havia casas e de algumas árvores frutíferas quando havia pomares. Hoje só restou mesmo a trilha dos canos e da montanha.

### Belas Pedras (LXVII): O Pico da Formosa

A continuação da Serra Nova chama-se Serra Geral, aliás um nome genericamente usado na região para representar o Espi-

nhaço. O conjunto das duas formações é impressionante, com cerca de 120 km de paredes expressivas. Seus perfis abruptos são notáveis, ao surgirem subitamente à sua frente, à medida que você avança para o norte. Esta serra abriga o Pico da Formosa, o mais elevado em todo o norte de Minas.

O Formosa é o inverso do Senharol, pois este é baixo e visível e aquele é elevado e

encoberto. De quem o olha do vale, fica ao fundo da Serra Geral, parecendo tão mais baixo do que a Serra do Quilombo que o esconde. Entretanto, se você contornar o maciço, notará que, do lado oposto, ou seja a leste, a amena corcova do Formosa irá mostrar-se belamente definida.

Seu acesso é pela irregular estradinha de terra que atravessa a serra no sentido leste, para Santo Antônio do Retiro. Serão 14 km desde Monte Azul, até chegar a um colo, quando você deve avançar à direita por mais 2 km. E aí você chegará a um local sinistro: uma fazendola que parece ocupar um beco acanhado, como que encurralado pela grande montanha, que ameaça desabar sobre ele.

É uma parede estupenda, seu quartzito irregular e fraturado sendo intercalado por uma vegetação espinhosa e lenhosa, mistura de cerrado e de caatinga. Tivemos a companhia de Damastor de Lima, que falou tanto quanto andou. Quando comentamos sobre a terrível secura do ambiente, ele disse: onde o gado atolava, agora passa sede, numa situação hoje infelizmente comum no sertão.

Como no pico anterior, você subirá no rumo de uma mangueira que capta a água de cima para trazê-la até a fazenda. Mas, depois dela, não há a rigor nenhuma trilha

que não seja prosseguir numa diagonal ascendente à direita, até a ravina que conduz ao topo. Não foi uma subida técnica, mas exigiu muita concentração pelos blocos, rampas e lajes irregulares, atravessados por galhos, raízes e espinhos.

Por sorte, tivemos um dia frio, que nos facilitou chegar ao disperso cume do Formosa em apenas 1½ hr. A ascensão foi de 500m, até a altitude de 1.820m. A visão de cima não é tão impressionante, alcançando basicamente o grande vale iluminado a oeste. A serra é um divisor entre o Gorutuba e o Pardo, o primeiro integrando o vale do São Francisco e o segundo formando uma bacia isolada até o mar.

Se a subida foi gloriosa, a volta foi horrível: ao escolhermos umas lajes cômodas em rampa suave, acabamos perdendo nossa trilha e levamos perto de 2½ hr até embaixo. É curioso como é pequeno o percurso do Formosa: não mais de 4 a 5 km ida e volta. Mas note que seu acive é terrível, algo como 25%, um dos mais cruéis que tive de superar.

Alberto Ortenblad, contatos pelo e-mail: ortenblad@terra.com.br

UMA LOJA ESPECIALIZADA  
EM PONTAS DE ESTOQUE, PRODUTOS  
FORA DE LINHA E USADOS. ONLINE :)

O ANTIGO BRECHÓ DA  
MONTANHISMO COM CARA NOVA  
NO SEU PC, TABLET OU SMARTPHONE

MOCHILAS | AGASALHOS | ROUPAS | BARRACAS | EQUIPAMENTOS

PRODUTOS DE GRANDES MARCAS COM  
PEQUENOS DEFEITOS E USADOS. VISITE  
NOSSA LOJA EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ OU  
COMPRE PELO SITE  
WWW.MERCADOOUTDOOR.COM.BR



# Desde 1989 formando montanhistas e escaladores

## Escalada em Rocha

**Curso Básico**  
2 dias  
Aprenda a escalar em rocha de uma maneira segura e rápida. Campos-escola preparados e equipamentos certificados. Alojamento em nosso abrigo.

**Cursos Avançados**  
2 dias  
Proteção móvel, escalada artificial, conquista, grandes paredes. Experiência comprovada.

**Escaladas Guiadas**  
Pedra do Baú, Brasil e Exterior

**Primeiros Socorros em Areas Remotas**  
WFA-Wilderness First Aid  
2 dias  
Certificação internacional pelo ASHI- American Safety & Healthy Institute (EUA) e Padilha Treinamentos Turma 2019: 29 e 30 de junho

**MONTANHISMUS**  
Escola de Escalada  
Tel.: (12) 3971.1470  
São Bento do Sapucaí - SP  
www.montanhismus.com.br

deuter  
TENAYA  
Solo  
TRANGO

## EQUINOX MOCHILA DE ESCALADOR

PROJETADAS POR ESCALADORES  
DURABILIDADE SUPERIOR

MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA  
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!  
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO

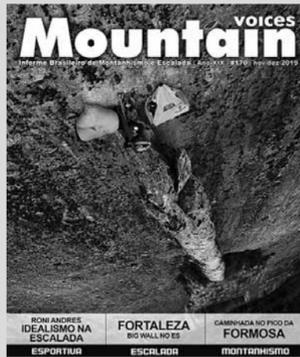
KIIHÚ 2.0  
SÍNTESE 2.0  
GRANDE LESTE 2.0

EQUINOX

## Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

*Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.*

Editor: Eliseu Frechou  
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.  
E-mail: contato@mountainvoices.com.br  
Web site: www.mountainvoices.com.br  
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/04/2020.

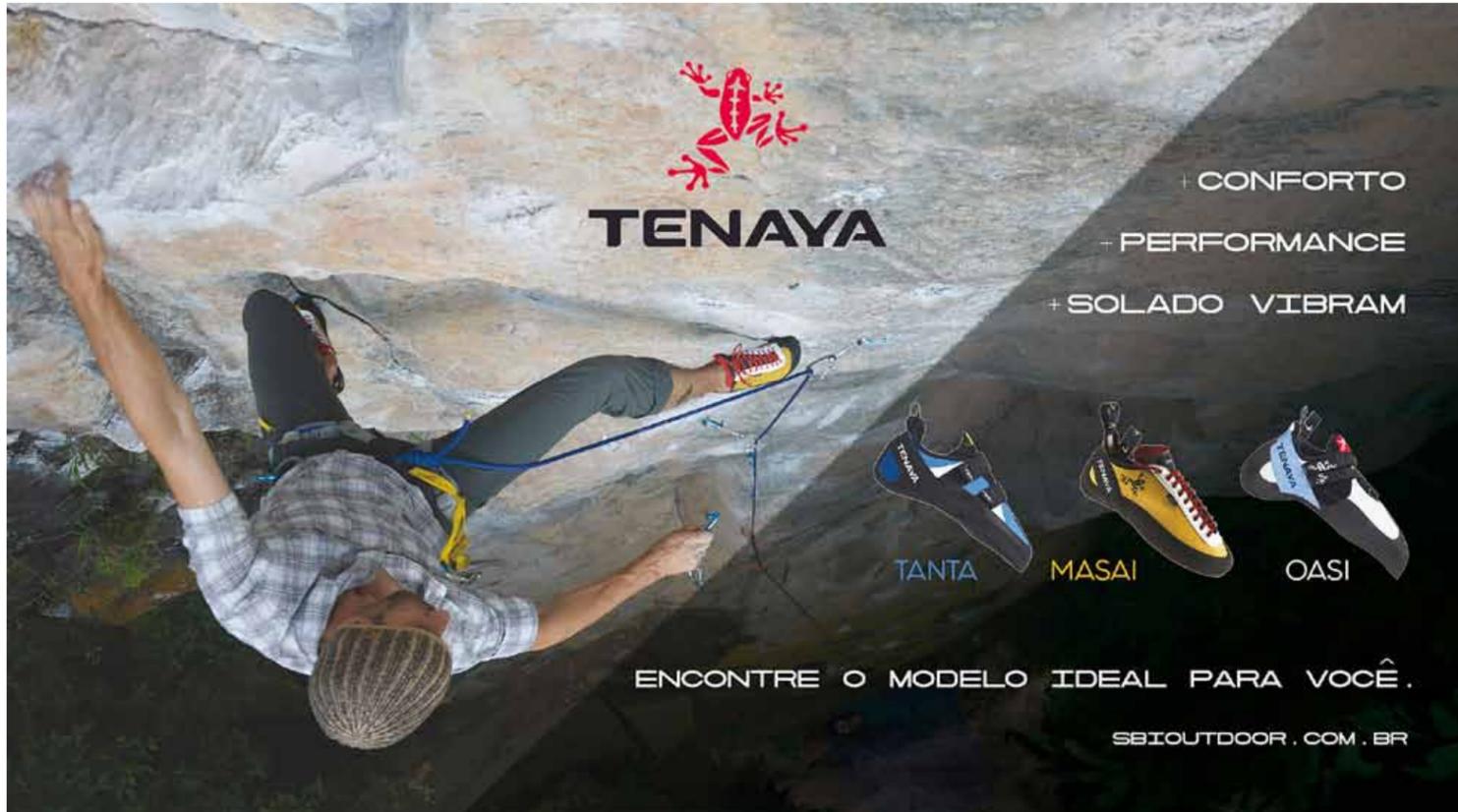
Nome.....  
Endereço.....  
Cidade..... Estado.....  
CEP..... Telefone.(.....).....  
E-mail.....  
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....  
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00  
( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00  
( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00  
( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar  
( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00  
( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

Total .....00

170



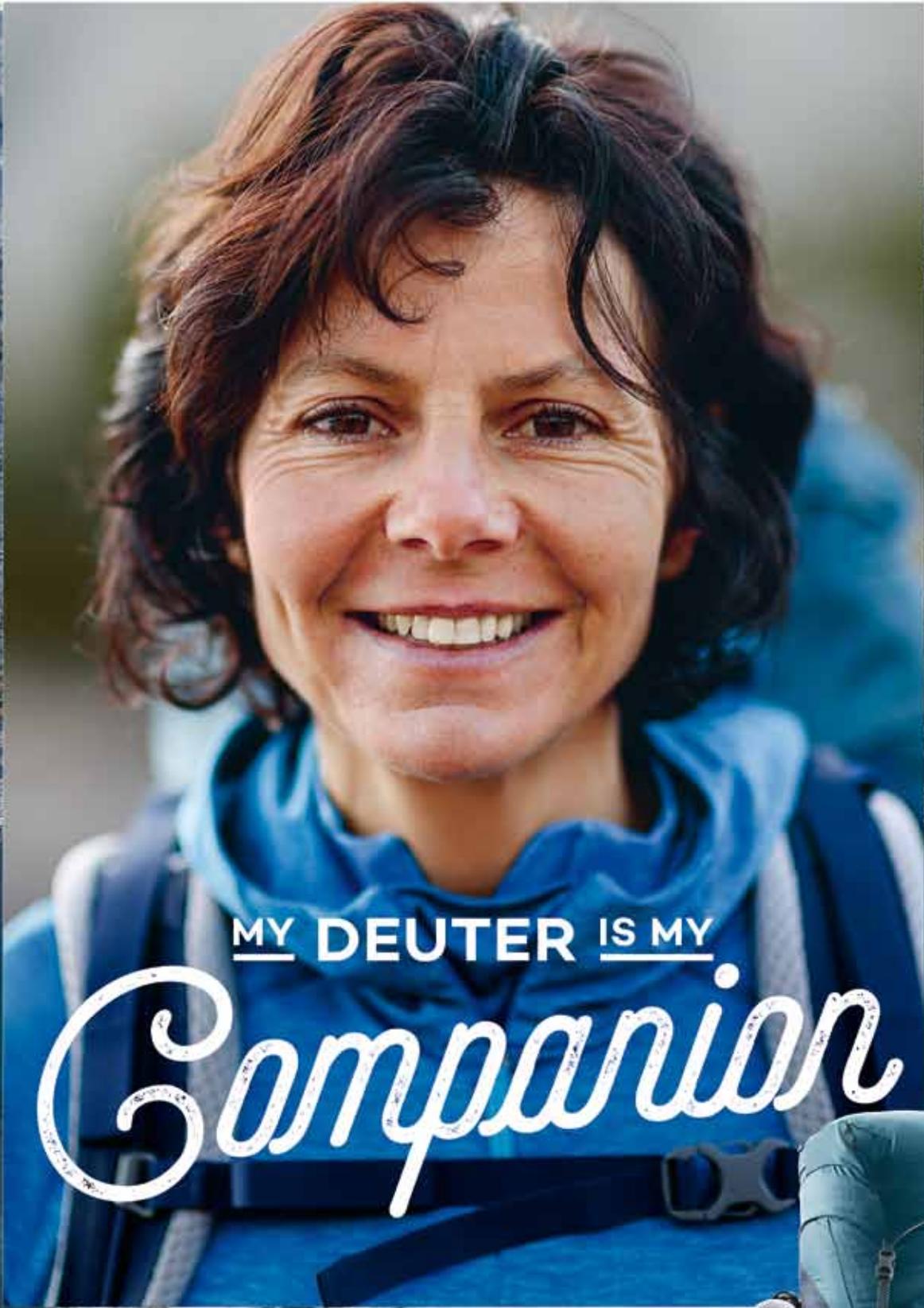
TENAYA

CONFORTO  
PERFORMANCE  
SOLADO VIBRAM

TANTA MASAI OASI

ENCONTRE O MODELO IDEAL PARA VOCÊ.

SBIOUTDOOR.COM.BR



MY DEUTER IS MY

*Companion*



[deuter.com.br](http://deuter.com.br)